



O Gaiato

13 DE OUTUBRO DE 1973

ANO XXX — N.º 772 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

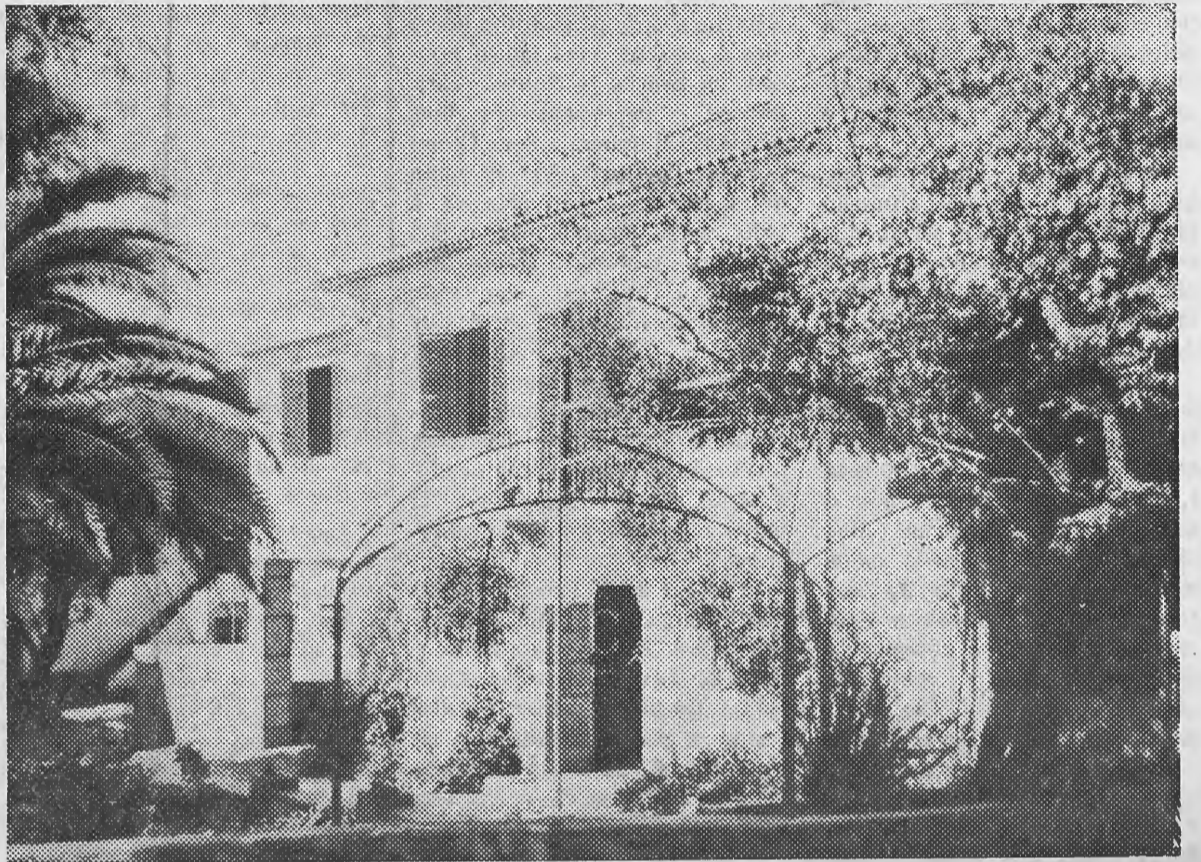
África

CHEGUEI há dias. Passei por Luanda, como «por vinha vindimada», directo a Malanje. O facto de vir com razoável frequência (em regra ano sim-ano não) tirou-me já aquele sabor misterioso das primeiras vezes, mas não um sentido extraordinário de respeito pela terra que piso, terra controvertida e de contradição, que por isso mesmo nos chama à responsabilidade de a amarmos, de a servirmos. Creio, mesmo, que ela será de quem a amar «em obras, em verdade» — donde os problemas que ela suscita começarem por ser um problema de consciência, que se resolverá de dentro para fora, do indivíduo consciente para a colectividade consciencializada.

As nossas Casas de África são oásis e os nossos Padres farol a difundir esta luz interior, desmaterializada, não tanto pela palavra, nada por qualquer gesto espectacular, mas por uma dedicação muito sincera, por uma vida consagrada, por amor «em obras, em verdade». Que outro serviço não prestassem à Sociedade maior em que estão contidas, este não seria de subestimar!

Dei já uma volta por aí. Que diferença desde há dois anos! Durante eles se desmatou e pôs ao serviço da agricultura e da pecuária, tanta ou maior área que nos oito anos anteriores. É natural! O arranque é sempre o problema primeiro, no tempo e na dificuldade, de todo o movimento a lançar. E aqui partiu-se do zero: quatro barracões em ruínas e 450 hectares de mata selvagem. A estes 450, mais de 500 se juntaram. Os quatro pardeeiros são hoje uma realidade sentimental que gostaríamos de conservar como a uma relíquia. E entretanto foi implantada uma Aldeia formosa, mesmo muito formosa, que abriga já cerca de oitenta Rapazes, e na qual cresce mais uma casa, que servirá no r/c de Hospital e de Rouparia e, no 1.º andar, permitirá acrescer a Comunidade para os 110. Depois, mais outra casa de habitação e salas para jogos e recreio — e

Continua na TERCEIRA página



ALDEIA DO CORVO — A família cresceu e a sala de jantar teve de crescer também.

CANTINHO DOS RAPAZES

Do último «Malanje» publicado no nosso jornal: «Sabemos por experiência que os jovens, depois de pisarem os degraus do Liceu e Escolas Técnicas, não mais trabalham na campo e, em raros casos, nas oficinas.»

Padre Telmo encarava o problema no contexto angolano, mas a sua constatação vale na universalidade do espaço por-

tuguês, todo ele em vias de desenvolvimento. Aliás é um tema que não nos é estranho: este conceito falso de que

uma profissão artesanal ou fabril não requer cultura; e de de que a cultura não é compatível com um tal modo de vida. Daí, que sendo proverbial o engenho do nosso operário, ele esteja espontaneamente tão impreparado para os altos níveis de qualidade e produtividade que a Agricultura e a Indústria de hoje requerem; e que quando ele tem acesso a um nível escolar médio ou há nele um desejo inato de cultura, seja tão vulgar a deserção para uma actividade que «não suje as mãos», na qual se não encontrará o êxito que na arte estaria ao alcance, nem, consequentemente, se pode atingir o salário que ela viria a proporcionar.

Neste ponto estamos mesmo atravessando uma crise — que creio transitória, de crescimento — em que certas profissões ditas manuais, começam, pela força das circunstâncias (a tão material, a tão mesquinha «lei da oferta e da procura»), a ser supervalorizadas em relação a actividades essencialmente do espírito. Como exemplo dos mais flagrantes temos o ensino,

até ao que se diz e escreve mais ou menos veladamente em prospectos e revistas, ou se apresenta em nome da Arte nos «écrans» e palcos.

Abominamos todos os «machismos» mas não podemos aceitar que à Mulher caibam as mesmas responsabilidades que digam respeito ao Homem dentro do agregado social, porque diferentes na sua constituição e isto ninguém pode contestar ou desconhecer. A função procriadora reserva à Mulher missão tão específica que a torna profundamente diversa em todos os aspectos que se possam considerar. E, precisamente por residir aí a razão de ser da

Cont. na TERCEIRA página

Cont. na QUARTA página

Aqui Lisboa

Não admira que as forças do mal tudo façam para perverter a Mulher, desviando-a do seu verdadeiro caminho, com promessas de pseudo-libertação que, ao fim e ao cabo, a conduzirão

à mais tenebrosa das escravaturas, que é a perda da sua dignidade. Conseguindo este objectivo encontrar-se-á vencido o último obstáculo para a desmoralização absoluta da sociedade, o desvirtuamento do sentido da família e a inexistência de quaisquer normas educativas, enfim, será o caos ambicionado pelos

que pretendem a supressão dos autênticos Valores. As campanhas tendentes à indiferenciação dos sexos, à supressão do pudor e à libertinagem sensual própria dos irracionais, mais não são do que vias para atingir aqueles propósitos e que assumem vários matizes, desde os famigerados concursos de beleza



Em tempos alguém veio bater-nos à porta por aquelas crianças. Dois irmãozitos — dois amores! — vindos das bandas de Rio Frio. O mais pequenino — o Alvarito — dá pelos 3 verdes e tenros anitos. O outro, o Mário, é um pequeno de 10 anos, muito vivo e muito amoroso.

Analisados o ambiente em que viviam e sua situação familiar, concluímos serem dos nossos. Acompanhados da mais elementar documentação, vieram aumentar esta família já de si tão numerosa.

A tragédia familiar destas duas crianças está — ainda hoje! — bem patente nos traços do Alvarito. Quem pela 1.ª vez o vir, certamente o tomará por um anormal. Mas não é! Seu olhar triste, olhos parados, e seu jeito de nos contemplar obliquamente é a revelação forte aos homens de que alguma coisa no reino das crianças anda mal. O Dia Mundial da Criança é uma realidade — e ainda bem! Toda a criança quando nasce tem direito a ser vigiada e amparada. Mas há tantas ainda que desde as primeiras mamadas têm de se bastar a si mesmas. Infelizmente e para mal dos nossos pecados!

Esta família grande, que é a Casa do Gaiato, não pode acudir a todos. Temos muitos pequeninos, mas poucos os braços capazes de lhes proporcionar uma educação cuidada e atenta. Educar não é só dar de comer, de vestir e de dormir. É mais. Muito mais. É amparar. É instruir. É ensinar a criança a dar os primeiros passos com segurança. É levá-la a descobrir naturalmente a vida que desabrocha. É acudir a todas as suas necessidades e anseios.

O Alvarito e o Mário têm de tudo isto um pouco, mas um pouco muito pouquinho. São muitos os pequenitos como eles e poucos, mas muito poucos, os braços eficientes, carinhosos e generosos que lhes acudam. Ninguém quer. Quem por este Portugal não tem medo do sacrifício e não procura o lado mais cómodo da vida?! Quantas senhoras estão dispostas a entregar sua vida generosamente pelo bem destas crianças? Quem? Quantas? Os poucos que aqui estão procuram chegar a tudo e estafam-se. As duas senhoras procuram generosamente acudir a todos, mas é impossível. O barco é grande e não há timoneiros!

O Mário, de 10 anos, tem sido uma verdadeira mãe para o irmãozito. Ele lava-o. Beija-o. Deita-o. Leva-o ao colo. Consola-o. Dá-lhe de comer. Faz-lhe festas. O pequeno quando o vê pela manhã, de imediato corre ao seu encontro. E encosta-se para que lhe faça festas.

É um quadro bonito, muito simples, que as pessoas — na pressa em que andam — quase não dão conta!

Rogério

PELAS CASAS

DO GAIATO



MIRANDA DO CORVO

VISITA — Com a presença do Ministro da Educação em nossa Casa de Miranda do Corvo, tivemos-la cheia de Amigos. Estes foram, sem dúvida, o motivo da nossa alegria. A malta assim que viu a máquina da TV, começou a aproximar-se, porque, como é natural, todos queriam ser apresentados na Televisão. Os nossos mais pequeninos! A alegria e o entusiasmo que manifestaram! Que beleza!

Os visitantes, enquanto comiam, tiveram o prazer de assistir à maravilhosa actuação dos «Batatinhas» — os mais pequeninos. A maior parte dos que não nos conheciam ficaram deslumbrados.

Com certeza estais a pensar: Mas como teriam sido capazes de fazer tal almoço?

Nós também o faríamos, embora com mais simplicidade.

Foi encomendado pela Câmara ao Café Nicola de Coimbra.

Todos comemos do banquete e saboreámos coisas muito boas durante dois dias.

Desejamos que estas visitas se repitam muitas vezes.

VINDIMAS — Este ano não foi possível a ida de todos à vindima pois, como já foi dito, tivemos menos

uvas que o ano passado. Mas, apesar de tudo, todos pudemos saboreá-las. Vindimámos todo o cacho, menos o morangueiro. Estas uvas foram apanhadas por um grupo de nove rapazes aproximadamente, e para terminar, depois da merenda, os mais crescidos deram uma ajuda na vinha da Escola, onde tiveram a oportunidade de provar com agrado as uvas mais gostosas.

Tal sorte não coube só a estes; os mais pequenitos também tiveram o prazer de escolher o seu cacho. Isto tudo no prazo de dois dias.

O nosso vinho já está esmagado e prestes a ser prensado. O alambique também está preparado para receber o bagaço que, com certeza, vai dar boa aguardente; aliás, tem sido o que esperámos nos outros anos. O João Maria e o Martins, que têm sido e são os mais responsáveis por estes preparativos, estão convencidos que iremos ter bom vinho.

Manuel António

MALANJE

CRIAÇÃO — Estamos a dedicar-nos à pecuária. Já fizemos alguns parques para o gado e temos actualmente leitinho de vaca para os nossos «mata-bichos». Embora ainda não tenhamos para fazer queijo e manteiga, esperamos daqui por algum tempo poder dizer que já temos alguma coisa para meter no pão ao «mata-bicho» e às merendas.

Também temos galinhas que vão pondo ovos para comermos uma ou duas vezes por semana. Por trás dos galinheiros umas ricas coelheiras com mais de cinquenta coelhos, nas já tivemos mais; o resto foi vendido para pagar as rações e coelheiras.

Quanto a porcos não é novidade para os leitores fazermos criação deles, pois têm sido estes que nos têm livrado das grandes contas do talho.

LAVOURA — Estivemos quase um ano sem comer batatas, devido ao preço a que chegaram. Mas tratámos logo de as semear quando faltaram. E, agora, já comemos batata tirada do nosso terreno. Mas ainda não está toda colhida. O André está a acabar de fazer as prateleiras, pois ainda não temos mestre para a nossa marcenaria, embora já tenhamos alguns rapazes a dar provas de que têm jeito.

O arroz foi colhido há bastante tempo; também deve chegar para o ano inteiro. Temos umas baixas formidáveis para a plantação deste cereal.

FUTEBOL — No futebol de onze, temos andado a dormir! Há muito que não fazemos nenhum jogo, mas no futebol de salão somos a equipa melhor classificada no campeonato do Instituto do Trabalho. Em 12 jogos, empatámos dois e ganhámos os restantes. Na nossa série ficámos em

primeiro lugar; e na final vamos à frente com duas vitórias.

Temos feito todos estes jogos sem treinos, pela falta de um campo de futebol de salão, o qual temos que ser todos a ajudar a fazê-lo.

Joaquim Carlos Fernandes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O tesoureiro da Conferência, pela sua função, é calculista. Na última reunião — saldo na mesa — fez uma chamada geral e procurou refrear-nos! «Estamos sem dinheiro. Cuidado! Só na farmácia e na padaria devemos mais de 2.000\$00...»

Os lamentos não ficaram por aqui: «Reparai: só de auxílios regulares estamos a dispendir mais de 1.500\$00 por mês...». Queria dizer que, às vezes, os extraordinários são autênticas *boladas!*

Olhámos uns prós outros, de espanto. Não se estabeleceu o pânico; mas uma contestação vigorosa, sábia, oportuna. «Isso é uma credencial de serviço. Atendendo à natureza específica da Sociedade de S. Vicente de Paulo nós temos de andar às avessas; ao contrário da ciência contabilística...», diz um. E acrescenta: «Apesar das aparentes melhorias das condições de vida da generalidade, infelizmente ainda temos de botar a mão a muitas dificuldades de minorias esquecidas...»

Surge, como de rajada, o caso concreto daquele trabalhador rural, inválido, sem benefícios — por causa da idade. Tem 67 anos. Limites que provocam injustiças...

O certo, meus amigos, é que esse homem não tem o suficiente! E não pode alimentar-se de tudo... O leite e o pão já são de nossa — e vossa conta. E se ele não tem o suficiente, que dizer da mulher e duma cachopa, doente, que adoptou desde criança, de facto que não de direito?!

«A mulher já pensou em vender a casa com reserva de vida (adquirida sabe Deus com que sacrifício!), mas não tem coragem de fazer a proposta ao homem. Poderia ser fatal...» — acentua o visitador.

O caso entusiasma. «Nós (vicentinos) damos pouco — ouvimos. Leite e pão não chega. Convém dobrar-lhes o auxílio. Dar-lhes o suficiente» — tornámos a ouvir.

Ao fim e ao cabo, para já, dobrámos a parada. E, mesmo assim, estamos longe de resolver uma injustiça social...

Dar sem ter é *loucura*, não há dúvida! «O Senhor sabe das necessidades — continuámos a ouvir. Sabe que estamos *depenados*. Com certeza não faltará. Ele há-de fazer aparecer quem se lembre deste homem, desta família.»

Ficou assente depositar o problema, com fé esclarecida, nas mãos de Deus — e dos nossos leitores. Tem de ser assim!...

Júlio Mendes

LAR OPERÁRIO DE LAMEGO

Abrindo hoje a nossa agenda encontramos alguns apontamentos que vamos comunicar aos nossos leitores.

Não é fácil classificar a importância dos mesmos, pois os casos variam de pessoa para pessoa e cada um sentê-os a seu jeito. Não é o quantitativo do nosso subsídio, nem mesmo a aflicção a que se atendeu, que nos permite falar em mais ou menos importante. Para este, os 20\$00 que recebeu, tem tanto ou mais valor como os 300\$00 que foram ajudar à renda de casa daquela família numerosa.

Destacamos 550\$00 que servirão para inscrever na Casa do Povo aquela velhinha com

perto de 80 anos. O mais válido foi a boa vontade da Direcção em interpretar a lei. Formou-se um bloco único, desde a mulher que nos contou a história triste da sua velhice sem amparo, até a Delegação Distrital que permitiu a sua inscrição. E assim ficamos com o caminho aberto para outros casos similares que sabemos existirem e que vamos pôr em ordem com a cooperação de quem nos quiser ajudar.

● Entregámos 1.100\$00 para outro rapaz que vai continuar os estudos. O pai não quer contrariar a vontade do filho, mas reconhece que são muitos os sacrifícios que o esperam. Prometemos estar presentes com 200\$00 mensais, até ao fim do ano lectivo. Depois, se verá o aproveitamento do rapaz. Quem poderá tomar parte nesta «procissão».

● O Vitorino é dos lados de Armamar e tem vivido na Régua. Veio há meses parar ao Lar de S. Domingos. Já percorreu várias oficinas e nenhuma lhe serve. Há dias gastou o dinheiro da fêria e fugiu. Andou por lá umas

semanas e depois voltou. Disse estar arrependido e fez mil promessas. Passados três dias safu sem dizer nada e ainda não veio. Onde estará o Vitorino? Se ele voltar, é recebido da melhor vontade, mas temos certamente de procurar um lugar mais adequado à sua maneira de ser.

● Para o Calvário foi um rapaz com 17 anos, fisicamente muito deficiente e sem família.

● O Centro de Assistência de Fontelo de S. Domingos atendeu o nosso pedido, acolhendo um inválido. Ali se encontram mais 10 e uma pequena surda-muda que necessita de ser internada em casa própria.

● O último apontamento diz-nos que para a «casa dos sem família», recebemos na quinzena passada 500\$00, mais 500\$00, mais 100\$00, mais 50\$00, mais 400\$00, mais 120\$0.

Foi muito? Foi pouco? De qualquer modo continuamos a empregar os esforços possíveis para se conseguir o que temos projectado.

Padre Duarte

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA MOÇAMBIQUE



O episódio não tem importância nem significado a desfavor da nossa Casa. Antes pelo contrário, até já se passou há muito, mas só ontem o nosso mestre carpinteiro o contou. Quando pretendeu materiais a convite de certa firma onde nunca tivemos conta aberta, alguém se opôs, por ter visto em «O Gaiato» que estávamos a dever muito.

Quem nos mediu pelos acontecimentos corriqueiros da praça de Lourenço Marques, onde todos os anos há firmas bem grandes em falência de milhares de contos, não interessa dizer porquê, que também é do domínio público ou pelo menos das firmas lesadas, não conhece nem acredita em forças maiores que as do dinheiro. Mas saiba que as há. Doutra modo ficaria sem explicação a nossa maneira de viver. São essas forças, a vontade de Deus que nos quer aqui e com Sua graça nos mantém firmes e disponíveis; é a própria Criança abandonada que é uma

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

sua maior grandeza, merecedora do respeito de todos aqueles que ainda não perderam a sensibilidade, é naturalmente para a maternidade da Mulher que se dirigem os maiores ataques e as manobras mais dissolventes.

Escrevemos estas linhas conscientes de que se houvesse mais respeito pela Mulher e desta por si própria não estaríamos tão assobrados com trabalhos e infelicidades sem resposta adequada. Mas escrevemo-las também como acto de desagravo por aquelas que humilde e devotadamente souberam gerar e educar os seus filhos, amamentando-os e sacrificando-se por eles. Honra lhes seja! De resto, a dignidade de ser Filho também obriga.

Padre Luiz

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

estará concluído o projecto inicial.

Quem diria há dez anos (vai fazê-los ainda que chegámos!) que o Culamuxito seria, na área de Malanje, esta zona turística que hoje é, com um valor social incomparável para o turista que tiver olhos de ver mais fundo?!

E tudo com tanto esforço, com tanta pobreza de meios, mas com a maior ou mais pequena colaboração de muitos, que assim têm razões mais sérias para estimar como nos estimam!

É sob esta impressão de alegria que dou graças a Deus e a quantos Ele suscitou ao amor de nós.

E vamos estudar com Padre Telmo, o rasgar dos caminhos do futuro.

LOURENÇO MARQUES

acusação constante dos crimes sociais e uma exigência legítima do seu (dela) existir; são «os tocados», os que amam verdadeiramente o seu Próximo e vêem nesta Obra uma correspondência séria no que dizemos e fazemos.

Para além disso, se já devemos umas centenas de contos, ninguém poderá dizer que os não pagámos fielmente. E se dívidas temos, não é sem necessidade, prudência e firme propósito de imediatamente as saldar, logo haja com quê. Aliás um remédio fácil para nada dever seria despedir os cinquenta operários que trabalham em nossa Casa. O que nunca aconteceu, nem nunca acontecerá. Seria isso desacreditar em Deus que é o nosso maior, mais amigo e paciente credor.

De resto, nada do que temos é nosso. É um património social inalienável, embora seja recebido como um dom à nossa correspondência em amor ao mesmo Deus. Creio que os nossos amigos o sabem e por isso nos ajudam.

De visitante à nossa Aldeia recebemos 100\$ e loiça; mais 1.200\$ e um lanche abundante da Comissão de Simpatia às Forças Armadas. Também somos uma força como vêem, mas sem armas que não sejam as do amor. Mais 1.000\$ de um casal, mais 100\$ e roupas. Mais 250\$, e 600\$ de uma firma vizinha; 500\$ e outro tanto; mais 50\$ de um grupo de casais. 1.000\$ de um menino que fez anos. É a prenda educativa que os Pais dão a cada Filho no aniversário. Uma visita a nossa Casa e a entrega por mão deles de uma nota de 1.000\$. Abençoados Pais e Filhos! Uma dúzia de lençóis novos e muitos quilos de leite em pó. Por leite vamos muitas vezes à Protal que muito nos tem ajudado também. Roupas e discos. No fecho dum Curso de Preparação para o Matrimónio, 510\$50. Mais visitantes com quinhentos e igual «para que meu Pai tenha encontrado a verdadeira Vida». A maneira mais acertada de a encontrar é dá-la aos outros. Foi isso que ele fez. 200\$ de F. Gomes. Cadeiras e móveis de alguém que foi para a Metrópole à procura de saúde e que Deus ajude a restabelecer depressa. 600\$ e igual de uma estudante de Medicina que já formou o seu carácter no dar que não no receber.

De várias firmas da cidade, o açúcar, o sabão, o óleo, a massa, o arroz, a batata e dinheiro em mão ou descontos, e já agora, em créditos. Um cheque de 1.302\$70 da Empresa Metalúrgica fora outras coisas que lá vamos buscar. Do Pessoal da Secção de Correspondência do B. N. U., 520\$ e outras cotizações de quem ali trabalha, pela mão do sr. Do-

mingos. Idem, do Instituto de Veterinária: 386\$50. Refrigerantes da Mac Mahon. Desperdiços de castanha. Quase dois milhares de caixas de laranja da Alfândega. De alguém do Caminho de Ferro 100\$. Já não sei quanto por uma graça e «um bem hajam pelo bem que o vosso Jornal me fez». Todos os meses o marido nos dá também 400\$. Em Junho vieram mais 500\$ de gente amiga. Cento e vinte em memória do sr. Eng. Valente, tão nosso amigo, que Deus chamou. 15 rands da Nigel, pela mão da D. M. Paulino

que na África do Sul deixou um foco de interesse por nós. Bem hajam. Mais 250\$ e mais 50\$ e tanto mais. Mais uma mãe em acção de graças por o filho ter dispensado de exames no Instituto Industrial. Mais um cheque de 2.400\$ de casal amigo e mais 1.600\$ doutra vez. Na Catedral 500\$ três vezes, 300\$, roupa de um filho, mais cem; 250\$ da Permar, e dois mil e quinhentos de um senhor muito discreto. Quinhentos na rua; mil de um Rapaz nosso; mais 150\$. Mais dois mil de outro. Dez mil e um almoço (lauto almoço) na Catembe, a todos os nossos

rapazes que ali passaram um dia extraordinário, rodeado de interesse por muitos amigos que o mesmo senhor convidou. Mil de uma Professora, mais cadeiras e uma mala. Cem; 50\$ na Farmácia Normal e mais migalhas que lá vão deixando. Dois porcos e coelhos na Matola, muita roupa na mesma cidade. Cem escudos de promessa. Mesa, cadeiras e mala da Rua Alexandre Borges, de uma Senhora Professora que se tem interessado muito por nós. Mais mobília; mais 50\$ de um casal devoto da N. Sr.ª do Perpétuo Socorro. 200\$ no Laboratório de Engenharia. O dobro por alma de Fernando da Cunha Ferreira; que Deus o tenha em santa Paz. Bolos de um casamento. E mais que ficou por apontar e que, com tudo o que foi escrito, nos faz dar graças a Deus.

Padre José Maria

A NOSSA EDITORIAL

● Não podemos esconder a luz debaixo do alqueire

Quase todos os dias chega às nossas mãos correspondência de leitores com opinião sobre os livros da autoria de Pai Américo!

São documentos preciosos, que transcendem os estreitos — e efémeros — limites do mundo. Documentos d'alma, que perduram. E não podemos esconder debaixo do alqueire. Se até servem — e de que forma! — para motivar tanta, tanta gente!

Naquele seu jeito irónico, brincalhão — neste caso diria profético — quantas vezes Pai Américo nos disse, sorriso nos lábios, olhos penetrantes: «Quando eu morrer é que vai ser...». É! Não somos só nós a dizê-lo: são milhares de leitores dos seus livros e de «O Gaiato».

● «Semearam alegria e esperança no meu coração»

Escutemos Torres Novas:

«Recebi hoje o «Viagens» e o «Obra da Rua». Eu queria ter palavras para vos agradecer, mas

não encontro. Dou-vos o meu obrigado. Obrigado de todo o coração, com toda a força da minha alma, pela Alegria e Esperança que semearam no meu coração.

Agora sinto-me mais perto de vós, através destas belas obras de Pai Américo. Pois Ele continua bem vivo, junto de nós, a semear o amor nos corações que por vezes se sentem abandonados da Graça de Deus. E num repente acende em nós uma chama de Amor e de Fé.

Recebi durante três anos o jornal, nunca tive uma carta para vos escrever nem 20\$00 para vos mandar; não para pagar, mas para marcar presença. E agora que precisei não me fecharam a porta, não me disseram não — em troca do meu silêncio...»

● Mais interessados pela bibliografia de Pai Américo

Realmente cresce o número de interessados pela bibliografia completa de Pai Américo! Ontem, era uma senhora do Porto — velha amiga da nossa Obra. Quando falávamos de «O Barredo» — ora no prelo — os seus

olhos riam, o coração estremeia: «É o único que me falta. Não se esqueçam de mim, na altura própria!».

À minha frente, mais uma legenda idêntica:

«Embora uns dias atrasada, venho agradecer a rapidez com que me enviaram o livro «Viagens».

Já o devorei. Agora estou a saboreá-lo aos poucos. Quanto mais o leio, maior encanto lhe encontro.

Como já possuo livros da vossa Editorial, fico esperando que apareça um novo, para juntar a esta preciosa colecção.»

● Boa notícia

Fechamos a coluna com uma boa notícia:

Há dias — como já sabem — o Responsável pelo Ministério da Educação Nacional resolveu visitar a nossa Casa de Miranda do Corvo. E como ele «teimou para nos dar alguma coisa — acentua Padre Horácio — dei-lhe o teu recado e disse logo que sim»: uma remessa de 500 volumes de Pai Américo para as bibliotecas de todos os graus de Ensino.

Já seguiram. Foram entregues no Gabinete, à Av. Elias Garcia. E não tardarão, com certeza, a ser bem acolhidos por Alunos e Professores — que forjam o Portugal de amanhã.

Os livros de Pai Américo são ferro quente. Tesouros que a traça não corroi. Revelam, em tinta de sangue, quadros que poderão talvez mudar de pormenores, não de Mensagem — cimentada no Livro da Vida. Os homens e as ideias passam. Mas Aquela fica. Perdura. Sempre viva e cintilante — porque eterna.

Júlio Mendes



Uma hora de convívio





VISTAS DE DENTRO

Este Verão estive algum tempo em quatro das nossas Casas do Gaiato: Miranda, Setúbal, Tojal e Paço de Sousa. Encontrei Comunidades diferentes unidas no mesmo esforço de preparar para vida, aqueles a quem esta negou o amparo natural de uma família normal. Todas elas caminham na rota traçada por Pai Américo, procurando pôr em prática as suas intuições.

Quem tenha a seu cargo a responsabilidade de educar, poderá imaginar a variedade de problemas que fazem o dia-a-dia destas Casas. Os Padres que as orientam empenham o seu coração nas alegrias e tristezas do caminhar dos seus rapazes. Fazem-no com toda a sua capacidade, utilizando as forças com que Deus os vai dotando nos trabalhos e preocupações inerentes à sua missão. As poucas senhoras que se dedicam à Obra, porque poucas, trabalham do nascer ao pôr do sol: orientando a cozinha, rouparia, limpeza, cuidando dos mais pequenos, etc... Os rapazes distribuem-se consoante a idade e capacidade, pelas diversas necessidades da marcha da vida da Casa... Uns, já casados, fizeram de sua vida o ajudar os mais novos a crescer; outros, em época de preparação, ou estudam ou aprendem ofício nas oficinas, ou os segredos do campo... E os mais pequenos dão a sua colaboração — e não será a de menor valia — suavizando com a sua poesia as preocupações e canseiras dos mais velhos.

Toda esta vida de que falo acima é forjada pela generosidade e temperada com as limitações próprias de cada um, e por isso a cada momento se palpa a vida com as suas contradições e mistérios.

Nem tudo são rosas nas Casas do Gaiato. Mas se repararmos que cada uma tem mais de uma centena de rapazes e um número muito reduzido de adultos, espantamo-nos como é possível conseguir tal ordem... Ela é fruto da coragem de Pai Américo ao estruturar as Casas na confiança e responsabilização dos rapazes, muito para além do habitual na nossa sociedade. Assim, desde cedo, os rapazes vão experimentando, no concreto, a ocupação activa em ordem à construção da vida dentro do grupo onde vivem.

As Casas do Gaiato são fruto da bênção de Deus

manifestada no apelo por Ele feito aos que se entregam nas



Jaime Moutinho e Maria de Fátima casaram em Marinhãs (Esposende) e residem no Porto.

Suas fileiras... São fruto dos valores por Ele impressos na pessoa de cada um dos rapazes. São fruto do amor de todos aqueles que por qualquer expressão de ajuda fraterna nela colaboram.

Expressão de amor e de fé são também construção de Homens; assim padecem as dores geradas pelas limitações do género humano... e nem sempre aqui as dores são leves...

Que bom seria não serem precisas Casas do Gaiato!... Mas, uma vez que necessárias, peçamos a Deus que existam e cumpram cada vez mais profundamente a sua Misão; que encontrem os meios necessários à sua vida; que sejam expressão de Amor e Luz para o Mundo, apontando aos Homens que a ajuda fraterna é o Caminho!

Abel



Africa do Sul: Dois filhos do Edgar ao colo da mãe. Só é pena faltar aqui o Pai...

Cont. da PRIMEIRA página

cujos agentes se encontram tão mal pagos em comparação com outros trabalhadores (antes, e foram já ganhando) que não investiram esforço intelectual nem dinheiro ao longo de anos de preparação escolar.

Ora a sociedade realmente igualitária para que devemos tender é aquela em que todos os cidadãos têm ao seu alcance o nível cultural de que são capazes e a que se sentem chamados. Nela, penso que predominará nas mentes a dignidade essencial de todo o trabalho posto ao serviço do Homem e se esfumarão as fronteiras quanto à nobreza específica das diversas formas de actividade. Assim os homens aprenderão a considerar-se equivalentes, na base fundamental de uma cultura comum; de uma fome de espírito que a todos atinge e de um alimento espiritual que a todos satisfaz.

Encontrarão uma linguagem comum que estabelece e confirma possibilidades insuspeitadas de consenso e, consequentemente, de concórdia. Não foi no ar que o Papa afirmou que «o novo nome da Paz é Progresso». Com certeza se não referia somente, nem sobretudo, ao progresso material. Este, vai-se até aprendendo universalmente, por experiência feita, quão relativo e portador de contradição é o seu valor. Referia-se, sim, ao progresso humano, em que «o esforço de atingir o homem total» (voltado ao nosso Padre Telmo), sem descuidar o corpo, terá de encarar primariamente aquilo

No mundo há muita injustiça. Mais ou menos em toda a parte. E, porque assim é, ficamos de braços cruzados, muitas vezes indiferentes, perante situações injustas que nos rodeiam. E, quem sabe, talvez sejamos nós mesmos injustos. Ponto de reflexão. Exame de consciência.

«Todo o homem é meu irmão». E que fazem os irmãos? Répartem. Partilham o que têm. Se possuem «duas túnicas» dão, pelo menos, uma ao que não tem nenhuma. O irmão é comprometido com os outros irmãos. Sofre com eles. Alegra-se com eles. Divide-se com eles. Como é belo o testemunho das primeiras Comunidades cristãs! Punham tudo em comum, para que nada faltasse a nenhum membro da Comunidade. Sacrificavam-se uns pelos outros. Cada um tinha o seu lugar na Comunidade. E, dentro da variedade de funções, havia verdadeira unidade; verdadeira Comunidade.

Há tempos, veio ter connosco um sacerdote acompanhado de uma mãe de 5 filhos. O marido morreu. A mãe ficou aflita, a braços com a única riqueza que possuía — os seus 5 filhos. Era uma boa mãe. Amava muito os seus filhos. Custava-lhe a separação; «mas — dizia — como posso educá-los na situação em que me encontro?». O sacerdote corroborava os dizeres daquela mãe. Ela pertencia à sua Comunidade cristã.

Ouvi em silêncio esta história verdadeira, que se repete a cada passo. No fim, falei para a mãe dos 5 filhos. Os três interessados em resolver este problema. Eu não podia consentir que a mãe fosse privada da companhia dos seus filhos. Eu não podia aceitar que se roubasse o direito àquela mãe de ter os filhos junto de si, só pelo facto de lhe faltar a ajuda material. A Casa do Gaiato não é uma Obra desumana. E se-la-ia se consentisse que aquela mãe ficasse privada da companhia de seus filhos. Virei-me para o sacerdote e disse-lhe: Fale deste

Areias do Cavac

problema à sua Comunidade. Pregue este Evangelho aos cristãos: com serenidade, com firmeza, como Cristo foi enérgico e foi manso e milde.

Não sei o que se passa depois. Gostava de saber, não vi mais o sacerdote aquela mãe. Acredito na cácia da Palavra de Deus quando Ela brota do coração.

Se os homens quisermos um mundo em que vivemos muito mais justo, mais humano. Somos testemunhas da bondade de muitos corações. Um ser do Lobito vem com 10.000 dizer «que prometeu dar dos lucros ao Senhor». Entra o Senhor nos seus irmãos mais pequeninos. Mais também do Lobito. Outro irmão e mais 50\$. De um administrador da nossa Obra um cheque 1.200\$ e quer ficar no amato. Outra vez o Lobito 300\$. De uma dedicada, sa, sufragando a alma do marido, duas notas de 1.000\$.

Temos ido todos os dias buscar açúcar às Compadres que no-lo dão. As refeições de peixe trazem sinal da amizade de empremente se impuseram um diva mensal para a nossa 1.000\$+500\$+500\$+200\$ três amiguinhos, 100\$. Membranças da Catumbel assinantes que pagam gamente as suas assinaturas. Mais uma pequena lembrança de 250\$, de Benguela. A nosso obrigado.

Padre Manuel Ant

Cantinho DOS RAPAZES

que o faz humano; o espírito. Alguns de nós, justamente os que apreciamos e procuramos cultivar valores do espírito, tivemos já experiência desta unanimidade realizada. Por exemplo: diante de um espectáculo de arte que irmanou na mesma emoção estética uma plateia inteira; ou, num plano transcendente, um acto de religião, até ecuménico, em que os homens, mesmo divergindo no credo, se encontram em uníssono na fé.

Numa sociedade assim, o médico e o operário, o juiz e o agricultor, o arquitecto que projecta e o artista que realiza têm condições de respeito

mútuos; de se sentirem e lentos, sem negação das sidades naturais e de hierarquia sem artificios; encararem como obreiros complementares de um melhor, onde a busca de gresso é dever inco e indeclinável de cada g

De fora, ficarão os detes?... Não, nem estes neles o homem culto, a o vírus do orgulho não nasceu — até nestes contra uma nota de ha difícil, mas harmonia vitalidade para si, enq não dispensa do exerc amor a quem lhe não retribuir em medida de cia, segundo as forn medir neste mundo.

Então, quem fica fora?... Só não nego não fiquem os preguiçosos e cobarde — o homem r -homem que preferiu o seu talento a jog serviço do Homem.

